

**Miceli, Sergio. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.**

O título aparentemente paradoxal, *Vanguardas em retrocesso*, desperta expectativas de leitura distintas, mas complementares. Depois de acompanhar os paratextos, tanto para quem leu outros livros de Sérgio Miceli, como *Imagens negociadas* ou *Intelectuais à brasileira*, quanto para quem é iniciante, a expressão “em retrocesso” adquire duas nuances: o estudo em retrospectiva do processo de formação dos artistas latino-americanos cujas obras costumam ser relacionadas às vanguardas históricas; a maneira como esse processo revela uma contradição flagrada na simbiose entre a produção artística modernizante e a agenda das oligarquias locais.

Depois do capítulo de apresentação, aparecem “História social de um escritor nato” e “O nacionalismo cultural do jovem Borges”, cujo objeto é a formação do escritor Jorge Luis Borges. Logo em seguida, “Mário de Andrade—A invenção do moderno intelectual brasileiro” trata deste escritor, em um breve adendo, onde Miceli faz uma comparação entre Borges e Mário. Os próximos capítulos tratam, sempre em pares, de um artista brasileiro e de um hispano-americano. Por meio de uma abordagem de perspectiva bourdieuriana, são também comparados Tarsila do Amaral e Ricardo Güiraldes, Lasar Segall e Xul Solar. Os estudos defendem a tese de que as artes da vanguarda latino-americana, em vez de representarem uma ruptura com o *establishment*, poderiam ser consideradas uma negociação na qual as moedas de troca são as relações familiares e os papéis que os escritores desempenham na parentela, a necessidade de roupagem nova às elites devido à modernização alavancada pela prosperidade econômica e a contingência do campo ainda em formação. O último texto trata de dois sociólogos, Florestan Fernandes e Gino Germani; se, à primeira vista, este capítulo parece destoante por tratar de um recorte estranho ao campo artístico, acaba por apontar para um substrato interpretativo que ficará mais claro após uma breve apresentação do centro pulsante do livro, e talvez o mais polêmico, ou seja, a comparação entre Borges e Mário.

Nos estudos dedicados a Jorge Luis Borges, a estratégia é reconstituir o contexto social e familiar do autor, questionando a ideia de que ele seria um

“escritor nato” (p. 12). Assim, Borges é apresentado como herdeiro do sonho do pai, cuja cegueira hereditária interrompera a carreira de homem de letras. Já no lançamento de *Fervor de Buenos Aires*, seu primeiro livro de poemas, Borges teria como cabedal o contato com o círculo dos escritores da geração paterna e com a tradição marcadamente nacionalista, orgulhosa de sua origem *criolla* e refratária à imigração recente. A circunstância familiar particular que lhe proporcionou uma esmerada formação cultural, a possibilidade de autodidatismo, a destreza para se aventurar por textos de diversos gêneros e a capacidade de articular contatos dentro do precário campo literário argentino em formação teriam possibilitado a Borges uma boa recepção não só por parte da crítica argentina, mas também da europeia, o que lhe teria possibilitado um início literário de sucesso. Embora a argumentação seja hábil e convincente, deixa de descrever ambiguidades que acabam também por marcar o processo criativo.

No terceiro estudo, surge Mário de Andrade, cujo lugar na estrutura familiar seria semelhante ao de Borges por também não ter a posição central dos descendentes varões que ocupavam profissões liberais, como costumava acontecer em famílias nas mesmas condições à época. Para Miceli, os dois estariam próximos também em relação ao autodidatismo, à destreza no manejo de diferentes gêneros e à capacidade de costurar relações no interior de campos literários em formação. A proximidade de Mário com a oligarquia parece mais ambígua, no entanto, apenas na medida em que, em seu primeiro livro assumidamente modernista, *Pauliceia Desvairada*, o sujeito poético arlequinal adentra até mesmo os bairros operários de imigrantes. Um dos grandes saltos interpretativos do livro consiste na observação de que nos dois autores o manejo perspicaz da mescla de ficção e ensaio—uma das “rotas de fuga” propiciadas pelo autodidatismo—permite domínio de campos vastos, sujeitando “a invenção poética ao diálogo cifrado com o contexto”, “os dilemas pessoais”, “a emoção embargada pelo desarranjo existencial” (p. 119) Assim, os dois autores se projetariam como “heróis lendários”, cujas capacidades intelectuais lhes teriam permitido nunca terem sido meros cabos eleitorais da elite, “da crise do poder oligárquico, os derradeiros porta-vozes de um mundo em desmonte, nutrido por um estilo de vida e de pensamento golpeado de morte.” (p. 122) O tom triunfalista do arremate destoa por produzir uma conclusão que, sobretudo

no capítulo sobre Mário de Andrade, foi sustentada pelo aparato da fortuna crítica. Talvez uma amostragem maior do tom ensaístico nos textos de Mário pudesse contribuir para uma sustentação mais convincente da conclusão.

Se o cruzamento entre gêneros, típico do ensaísmo, em Mário e Borges é uma escolha que revela certa organicidade entre suas respectivas histórias sociais e obras literárias, Florestan Fernandes e Gino Germani estariam no outro lado da fronteira do mundo oligárquico em ruínas. A condição familiar humilde teria contribuído para que os dois sociólogos buscassem na prática da sociologia uma profissão. Isso levaria a uma formação escolar e científica diferente dos padrões literários e historiográficos de pares contemporâneos, provenientes de famílias mais abastadas. Miceli afirma que, diante dessas circunstâncias, Florestan haveria adotado um “linguajar científico, especializado e árido” (p. 165), distinto do dos sociólogos de veio ensaístico. Assim, Florestan e Gino “foram bem sucedidos como arautos de uma nova ordem acadêmica e intelectual cuja vigência perdura até hoje.” (p. 173) Essa “nova ordem” parece muito distinta daquela que permitiu o linguajar ensaístico da escrita de si em Borges e Mário de Andrade. Talvez essa conclusão projete uma pergunta relevante sobre o campo: a formação sociológica, na dimensão de Florestan Fernandes, ainda vigente, não teria também gestado sociólogos ensaístas?

Além do rigor das análises, o grande valor de *Vanguardas em retrocesso* é que a montagem do delicado quebra-cabeça sociológico, ensaio a ensaio, possibilita a reconstituição da história social dos autores estudados, propondo uma imagem menos heroica, evidenciando os papéis sociais assumidos pelas artistas no jogo de negociações do meio de elite no qual se inserem. Além disso, as peças podem sempre ser remontadas em outra ordem, de tal forma que levem à reflexão acerca da fronteira entre o tempo do intelectual predominantemente autodidata e ensaísta e o daquele em que o discurso científico e especializado se torna ferramenta imprescindível.

**Ricardo Gaiotto de Moraes**

*Princeton University / Unicamp / Fapesp*